

Parte 1 - Mediação & midiatização: conexões epistemológicas

Circuitos versus campos sociais

José Luiz Braga

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BRAGA, JL. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, MA., JANOTTI JUNIOR, J., and JACKS, N., orgs. *Mediação & midiatização* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 29-52. ISBN 978-85-232-1205-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PARTE I

**MEDIAÇÃO & MUDIATIZAÇÃO:
CONEXÕES EPISTEMOLÓGICAS**

Circuitos *versus* campos sociais

JOSÉ LUIZ BRAGA

INTRODUÇÃO

O presente texto se concentra na expressão “mídiação”. Essa é a questão que direciona a Linha de Pesquisa em que me inscrevo, no PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos.¹ Mais especificamente, neste artigo, tenho o objetivo de refletir sobre uma das consequências significativas que a mídiação crescente apresenta na sociedade contemporânea – que é um atravessamento dos campos sociais estabelecidos, gerando situações indeterminadas e experimentações correlatas.

Com este objetivo em mente, minhas primeiras anotações, iniciadas há algum tempo, não incluíam perspectivas sobre o conceito de “mediações”. Acreditava, entretanto, que o foco em um dos dois termos da proposta da Compós para seu livro de 2012 seria suficiente para legitimar um encaminhamento do texto à seleção por seus organizadores. Entretanto, em conversa com colegas sobre a perspectiva que damos a “mídiação” em nossa linha de pesquisa, percebi que a gama de sentidos do conceito de “mediações” seria pertinente para esclarecer meu tema principal.

¹ A Linha de Pesquisa Mídiação e Processos Sociais é conduzida pelos professores Antonio Fausto Neto, Jairo Ferreira, Pedro Gomes e pelo autor do presente artigo. Conceitos e enigmas pertinentes são constantemente debatidos entre nós, produzindo um ambiente de estímulo reflexivo, tanto mais rico pela diversidade de ideias que atravessa nossas preferências.

Em perspectiva genérica, uma mediação corresponde a um processo em que um elemento é intercalado entre sujeitos e/ou ações diversas, organizando as relações entre estes. Esse conceito básico parece se manter em todas as situações em que a expressão é chamada a nomear o processo. Os sentidos específicos variam segundo o elemento mediador; conforme os sujeitos cuja relação é intermediada; e de acordo com seu modo de atuação.

Em perspectiva epistemológica, trata-se do relacionamento do ser humano com a realidade que o circunda, que inclui o mundo natural e a sociedade. A ideia de mediação corresponde à percepção de que não temos um conhecimento direto dessa realidade – nosso relacionamento com o “real” é sempre intermediado por um “estar na realidade” em modo situado, por um ponto de vista – que é social, cultural, psicológico. O ser humano vê o mundo pelas lentes de sua inserção histórico-cultural, por seu “momento”.

Conforme a área de estudos e o tipo de objeto de cujo conhecimento se trata, diferentes elementos são enfatizados como mediadores – a linguagem, a história de vida, a inserção de classe, as experiências práticas e o “mundo local”, o trabalho, a educação formal recebida, os campos sociais de inserção.

No âmbito da Comunicação, o surgimento de uma “mídia de massa” na forma de indústria cultural tornou-se objeto de estranhamento social: uma sociedade vista como massificada passava a ser mediada por processos informativos e de entretenimento não-habituais, subsumidos a setores sociais dominantes, não controlados pela sociedade em geral. Como consequência desse elemento mediador, implantado como um “corpo estranho”, criava-se a impressão de uma exposição “direta” da sociedade à mídia, como entidade passiva diante de um potencial homogeneizador.

Entretanto, Jesús Martín-Barbero vem assinalar, nos anos 1980, uma mediação fundamental entre a sociedade e as proposições da mídia de massa: a inserção cultural do receptor. Sua formulação, hoje antológica,

aciona um deslocamento do foco de atenção, no estudo das comunicações massivas: “dos meios às mediações”.

Essa expressão, praxiológica desde sua formulação, realiza duas ações cognitivas relevantes. Por um lado, propõe a superação de uma visão objetivista dos meios (da indústria cultural, suas tecnologias, seus produtos), a serem redirecionados para uma visão relacional na sociedade. Por outro, introduz uma preocupação da área com a composição daquelas mediações, com os elementos que aí se realizam – mas sobretudo com o modo, a intensidade, a eficácia de tais mediações (culturais) no enfrentamento de seu par relacional (a mídia com seus produtos). Essa percepção é relevante, não apenas porque põe em cena o receptor integrado em seus ambientes – mas também porque começa a fazer perceber os processos mediatizados.

Como os meios, antes dessa virada, apareciam de modo preocupante como produtores de efeitos não controláveis pela sociedade, as mediações se põem, praxiologicamente, como espaço da ação de resistência. Não se trata apenas de conhecimento do mundo (nos aspectos e objetos em foco), do viés com que se o percebe e pelos quais nos relacionamos com os meios. Mas também – e talvez sobretudo – da possibilidade de enfrentamento, da reflexão sobre a qualidade das condições para esse enfrentamento, como uma interação de natureza político-social. Por isso mesmo, não é infrequente as duas palavras serem reunidas em formato opositivo: mediações ou mediatização. Essa possível oposição corresponde, também, a duas ênfases alternativas: o objeto preferencial dos estudos de comunicação seriam os meios ou seriam as mediações?

Efetivamente, Immacolata Vassallo de Lopes, em entrevista com Jesús Martín-Barbero (2009, p. 150), oferece o ângulo adequado para que o pesquisador esclareça sua visada atual: “Mediatização ou mediação? [...] a questão da comunicação é uma questão de meios ou de mediações? Faça essa pergunta para que responda precisamente este ponto: será preciso fazer um outro livro agora, intitulado *Das mediações ao meios?*”

O autor assinala que em *Dos meios às mediações* se referia às “mediações culturais da comunicação”. E ainda: “A partir daí, o que aparecia claramente eram dois eixos: um, as lógicas de produção e as competências da recepção; e outro, as matrizes culturais e os formatos industriais”. Observa que, no desenvolvimento de sua reflexão, entretanto, começou a pensar as “mediações comunicativas da cultura”. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 150) Nessa perspectiva, “[é] preciso assumir *não a prioridade dos meios*, mas sim que *o comunicativo* está se transformando em protagonista de uma maneira muito forte”. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 152, grifos nossos)

O sentido que atribuímos, em nossa Linha de Pesquisa, ao termo “mídiatização” é muito próximo dessa segunda proposição. No intervalo entre as duas ênfases percebidas por Martín-Barbero, dois processos reduzem o estranhamento da mídia. Um deles, processo tecnológico, corresponde à disponibilização de ações comunicativas mídiatizadas para largas parcelas da população, dosando e redirecionando a comunicação massiva. O outro, processo social, diz respeito a uma entrada experimental de participantes sociais nas práticas e processos antes restritos à indústria cultural – por crítica social, por reivindicações de regulação pública da indústria, por ações sociais organizadas para ocupar espaços de produção e difusão; e certamente pela ativação crítica e intencionada das mediações culturais, por apropriações “em desvio” das interpretações preferenciais da produção.

Ao mesmo tempo em que a questão comunicacional se torna presente e fundante para a sociedade, os processos sociais se mídiatizam – no sentido de que tomam diretamente iniciativas mídiatizadoras.

MIDIATIZAÇÃO

Antônio Fausto Neto (2008, p. 93) observa que, em um período que se pode denominar “sociedade dos meios”, as mídias “[...] teriam uma autonomia relativa, face à existência dos demais campos”. Já na sociedade de mídiatização, “a cultura midiática se converte na referência sobre a qual a

estrutura sócio-técnica-discursiva se estabelece, produzindo zonas de afetação em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade”.

Nossa perspectiva sobre midiatização observa justamente esse deslocamento. Por diversas razões, já não se pode considerar “a mídia” como um corpo estranho na sociedade. Com a midiatização crescente dos processos sociais em geral, o que ocorre agora é a constatação de uma aceleração e diversificação de modos pelos quais a sociedade interage com a sociedade. Ainda que os processos interacionais mais longamente estabelecidos – da ordem da oralidade presencial e da escrita em suas múltiplas formas – continuem a definir padrões de comunicação, e lógicas inferenciais, que organizam a sociedade e suas tentativas, tais processos, em sua generalidade, se deslocam para modos mais complexos, envolvendo a diversidade crescente da midiatização – o que é bem mais amplo e diferenciado do que referir simplesmente o uso dos meios. Assim, hoje, o que atrai fortemente nossa atenção são esses processos – cujas ações não se restringem ao objeto “meios” nem ao objeto “receptores e suas mediações”, mas os incluem, a ambos, em formações muitíssimo diversificadas e ainda articulados a outras formações. Em um artigo de 2007, *Midiatização como processo interacional de referência*, propus algumas perspectivas sobre esse enfoque.

Assim, é preciso fazer uma distinção básica. Quando falamos em “midiatização”, não estamos circunscrevendo o termo à indústria cultural; nem às inovações tecnológicas tornadas disponíveis. Certamente, a presença da indústria cultural é fato que não deve ser descurado. Entretanto, mesmo levando em conta essa presença, não entendemos que “midiatização” corresponda a uma ampliação ou predomínio da indústria cultural sobre a sociedade. Ao contrário, as inúmeras possibilidades que vão se desenvolvendo para criticar, para apreender reflexivamente os produtos e processos dessa indústria, para setores da sociedade agirem nas mídias e pelas mídias, os esforços de regulamentação político-social – tudo isso, ao contrário, torna a presença da indústria cultural um elemento não ho-

mogenezante do social. Eliseo Verón (1998, p. 1, grifo do autor, tradução nossa) propõe que

Uma sociedade *em vias de midiatização* (distinta da sociedade *mediática* do período anterior [...]) não é por isso uma sociedade dominada por uma só forma estruturante, que explicaria a totalidade de seu funcionamento. A midiatização opera através de diversos mecanismos segundo os setores da prática social que interessa, e produz em cada setor distintas conseqüências.

Além disso, o surgimento das novas tecnologias crescentemente disponibiliza possibilidades de midiatização para setores “não-midiáticos”: das mais diversas instituições aos grupos *ad-hoc* e aos indivíduos.

Entretanto, não restringimos o termo a essa penetração tecnológica. É claro que se trata de um insumo relevante, merecedor de pesquisa e reflexão – mas entendemos que os processos comunicacionais associados não decorrem simplesmente da invenção tecnológica. É preciso um componente diretamente social no processo. Sobre a tecnologia disponibilizada é preciso ainda que se desenvolvam invenções sociais de direcionamento interacional. Essas invenções são, talvez, a parte mais importante da questão. É porque a sociedade decide acionar tecnologias em um sentido interacional que estas se desenvolvem – na engenharia e na conformação social. Sá e Holzbach (2010, p. 9), tratando de performances mediadas por computador, observam que o You Tube “foi desenvolvido para ser um canal de veiculação de vídeos domésticos” – mas “os usuários começaram a postar vídeos de instituições [...] fazendo eclodir uma série de discussões sobre direitos autorais” E mais adiante, falando do *twitter*: “desenvolvido para que os usuários respondessem à pergunta ‘o que vc está fazendo?’”, ele também desviou-se de seus usos originais, tornando-se uma das plataformas populares no Brasil ao longo de 2009” (p. 10). Essa parece ser uma constante, a cada tecnologia produzida. Basta pensar que o rádio foi tecnologicamente desenvolvido para viabilizar comunicações ponto a ponto, como por exemplo entre

navios, que não podiam utilizar a tecnologia do telégrafo (com fios). Até hoje, na França, o rádio é chamado de “t.s.f” (telégrafo sem fios) – sendo usado, evidentemente, para ações interacionais muito diferentes a partir de invenções sociais.

Por tudo isso, não se trata de retornar das mediações aos meios: ambos são parte necessária e significativa da abrangência que nos interessa. Mas ao mesmo tempo, não são objetos suficientes. O conceito de mediação, “ainda em fase de construção”, como observa a chamada de artigos para o Livro Compós de 2012, solicita uma abrangência maior. Todas as áreas e setores da sociedade passaram a desenvolver práticas e reflexões sobre sua interação com as demais áreas e setores, testando possibilidades e inventando processos interacionais para participar segundo suas próprias perspectivas e interesses.

Essas práticas, esses processos, em toda sua variedade, tornam-se objeto possível para nossa investigação – desde que, de algum modo, produzam ação interacional. Isso corresponde a dizer que tais objetos oferecem a possibilidade de grande variedade de perguntas para a investigação, algumas das quais talvez nem sabemos ainda como expressamente gerar ou organizar.

Assim como, desde o século XVII, a imprensa se desenvolveu como um componente estruturante da sociedade (notadamente a europeia), na medida em que esta buscava organizar, diversificadamente, as potencialidades da escrita a serviço de seus interesses múltiplos e frequentemente contraditórios; assim também vemos os processos de interacionalidade mediatizante estimulando os modos pelos quais a sociedade se comunica e, em consequência, tentativamente se organiza.

Diante desse objeto, extraordinariamente complexo, a primeira dificuldade que se põe é a de escolher focos de investigação e desenvolver conceitos que possam clarear e priorizar suficientemente os âmbitos de pesquisa. Tentativas múltiplas vêm sendo apresentadas – acredito que, aos poucos, irão se evidenciando os ângulos mais produtivos dentre estas.

Sabemos que é a partir do próprio embate entre conceitos e “hipóteses concorrentes” que podemos desenvolver percepções e ajustes conceituais necessários. (CAMPBELL, 2005) Na linha de pesquisa de Mídiações, temos assim trabalhado, com diversidade interna de reflexões e elaboração, os conceitos de circulação, circuitos, dispositivos e ambiência midiática. O enfoque do presente texto se circunscreve aos dois primeiros.

CIRCULAÇÃO

Nas relações – agora vistas como bem mais complexas – entre a produção e a recepção, um conceito inicialmente restrito a esse intervalo entre os dois polos, ganha vigor e relevância. Em *A sociedade enfrenta sua mídia*, afirmamos que

quando se trata de valores simbólicos e da produção e recepção de sentidos, o que importa mais é a circulação *posterior à recepção*. [...] *O sistema de circulação interacional é essa movimentação social dos sentidos e dos estímulos produzidos inicialmente pela mídia.* (BRAGA, 2006, p. 28, grifo do autor)

Fausto Neto (2010) assinala um desenvolvimento do conceito de “circulação” que, na medida em que se complexifica, se torna nuclear para pensar a mediação da sociedade. Fazemos aqui uma apropriação do artigo, pelo ângulo em que estuda a sucessão de sentidos dados à expressão.

No período da ênfase nos meios, a circulação era vista meramente como a passagem de algo do emissor ao receptor. Uma preocupação central era a de verificar a consistência entre o ponto de partida e o ponto de chegada – o principal critério acionado era o da busca de correspondência e identidade entre emissão e recepção.

Com a percepção de que os receptores são ativos, a circulação passa a ser vista como o espaço do reconhecimento e dos desvios produzidos pela apropriação. Aparece então “como resultado *da diferença* entre lógicas de processos de produção e de recepção de mensagens”. (FAUSTO NETO, 2010,

p. 10, grifo nosso) Torna-se, portanto, um espaço de maiores possibilidades de ocorrência interacional, na prática social; e de descobertas, na investigação.

Dada a possibilidade de desarticulação entre essas lógicas, por suas diferenças, coloca-se a questão de contratos para “descrever as possibilidades de *construção de vínculos* entre produção/recepção”. (FAUSTO NETO, 2010, p. 10, grifo nosso) Uma pergunta relevante se voltava para entender como a sociedade evita que as diferenças entre as lógicas da produção e as da recepção levem à simples incompreensão mútua.

A circulação é, então, “transformada em lugar no qual produtores e receptores se encontram em jogos complexos de oferta e reconhecimento”. (FAUSTO NETO, 2010, p. 11, grifo nosso)

Nesse estágio, “as lógicas dos *contratos* são subsumidas por outras *lógicas de interfaces* [...] os receptores perambulam por várias mídias, migrando em seus contatos com os mesmos, e quebrando zonas clássicas de fidelização”. Fausto Neto (2010, p. 12-14, grifo do autor) reitera, ainda, em sua conclusão, “que as novas condições de circulação afetam as lógicas de instituições produtoras e sujeitos-receptores, por força da ambiência da midiatização”.

Podemos observar aí os desenvolvimentos sobre a relação produção/recepção. A partir dessas percepções sucessivas no entendimento de “circulação”, mais um passo deve ser proposto: indo além das relações diretas entre produtor e receptor, importa o fato de que este último faz seguir adiante as reações ao que recebe. Isso decorre não apenas da presença de novos meios, mas também de que os produtos circulantes da “mídia de massa” são retomados em outros ambientes, que ultrapassam a situação de recepção (o espectador diante da tela).

Esse “fluxo adiante” acontece em variadíssimas formas – desde a reposição do próprio produto para outros usuários (modificado ou não); à elaboração de comentários – que podem resultar em textos publicados ou em simples “conversa de bar” sobre um filme recém visto; a uma retomada de ideias para gerar outros produtos (em sintonia ou contraposição); a uma estimulação de debates, análises, polêmicas – em processo agonístico;

a esforços de sistematização analítica ou estudos sobre o tipo de questão inicialmente exposta; passando ainda por outras e outras possibilidades, incluindo aí, naturalmente a circulação que se manifesta nas redes sociais.

Em todas essas alternativas, na sociedade em midiatização o esforço produtivo para circular se faz na conformação da escuta prevista ou pretendida. No artigo *La política de los internautas es producir circuitos* (BRAGA, 2011, p. 7) discuto essa espécie de “contrafluxo” que é a necessidade de previsão da escuta possível na composição da “fala” a ser posta em circulação: “No contrafluxo, passamos a produzir a partir das respostas que pretendemos, esperamos ou receamos”. Essa característica de fluxo contínuo, marcado pela retroação da escuta prevista, parece-me ser um dos aspectos mais pregnantes da midiatização, merecedor de investigação empírica para aprofundar a variedade de consequências (problemáticas, promissoras ou desafiantes) da interação social atual.

Pelo menos nos macro-ambientes de interação social – do qual fazem parte, aliás, as redes sociais – e na medida em que as interfaces sociais se encadeiam crescentemente, percebemos que o esforço interacional se desloca do modelo conversacional (comunicação reverberante, de ida-e-volta) para um processo de fluxo contínuo, sempre adiante.

Nessas circunstâncias, já não é tão simples distinguir “pontos iniciais” e “pontos de chegada”, produção e recepção como instâncias separadas. O que, aliás, nos faz perceber que tal construção decorre mais de uma condição histórica específica (a fase de implantação dos meios de massa) do que de uma pretendida “natureza” do processo interacional – que, pela própria etimologia da palavra, enfatiza antes a indistinção de papéis do que uma especialização “por estrutura”. Ou seja: o exercício de diferentes ações, as assimetrias e opressões, devem ser relacionadas antes a cada tipo específico de interação, assim como a seus contextos significativos; e não a uma pretendida lógica diferencial no interagir. É claro que no caso dos meios de massa podemos distinguir claramente essas duas posições – que devem ser assim estudadas segundo suas lógicas específicas; mas

evitando naturalizar estes papéis como se fossem categorias inelutáveis da mídiatização. É consensual que, nas redes sociais, as diferentes lógicas interacionais definem outros papéis para os participantes. Mas mesmo nos meios ditos unidirecionais, uma vez absorvidos seus processos, culturalmente, pela sociedade e integrados a outros circuitos, a “diferença” deixa de significar necessariamente assimetria contestável.

Por raciocínio complementar, se abordamos a circulação nessa visada abrangente, decorre daí que o produto mediático não é o ponto de partida no fluxo. Pode muito bem ser visto como um ponto de chegada, como consequência de uma série de processos, de expectativas, de interesses e de ações que resultam em sua composição como “um objeto para circular” – e que, por sua vez, realimenta o fluxo da circulação.

No artigo referido anteriormente (BRAGA, 2011b), sublinhamos que, a rigor, não é “o produto” que circula – mas encontra um sistema de circulação no qual se viabiliza e ao qual alimenta. O produto, entretanto, é um momento particularmente auspicioso da circulação – justamente porque, consolidado em sua forma que permanece (e que se multiplica, na sociedade em mídiatização), pode continuar circulando e repercutindo em outros espaços. O produto, por sua permanência e também porque se molda ao mesmo tempo em que busca moldar os ambientes em que se põe a circular, torna-se um especial objeto de observação para inferências sobre os processos mais gerais em que se inscreve.

Os processos e as consequências desse modo preferencial de circulação, próprio da sociedade em mídiatização, devem então ser estudados. Uma questão que se põe aqui é a de como concretizar aspectos dessa perspectiva abrangente, de modo a transitar da elaboração reflexiva e ensaística para o trabalho da pesquisa empírica. Uma primeira aproximação corresponde a perceber que essa circulação em fluxo contínuo não é apenas uma descrição abstrata. Ela se manifesta concretamente na sociedade, na forma de circuitos – que são culturalmente praticados, são reconhecíveis por seus usuários e podem ser descritos e analisados por pesquisadores.

O próximo item e a conclusão pretendem concretizar minimamente esse conceito, como base para investigações específicas.

CIRCUITOS VERSUS CAMPOS

Tais circuitos não se desenvolvem no vazio. Há uma sociedade pré-mediática solidamente instalada por suas instituições e estruturas historicamente elaboradas. Um bom modo para tratar esse ambiente estabelecido é referir os campos sociais, conforme a perspectiva de Bourdieu (2003, p. 22, grifo do autor) – estudados como “microcosmos relativamente autônomos”:

Uma das manifestações mais visíveis da autonomia dos campos é sua capacidade de *refratar*, retraduzindo sob uma forma específica as pressões ou demandas externas. [...] quanto mais autônomo for um campo, maior será seu poder de refração e mais as imposições externas serão transfiguradas, a ponto, frequentemente, de se tornarem perfeitamente irreconhecíveis.

Adriano Rodrigues (1990, p. 143) propõe que “um campo social constitui uma esfera de legitimidade”. Observando que “cada um dos campos sociais coexiste com uma multiplicidade de outros campos, compondo entre si [...] as funções expressivas e pragmáticas e as formas simbólicas de visibilidade”. (RODRIGUES, 1990, p. 149) O autor oferece, em 1990, uma boa percepção sobre a instauração do “campo dos media” na sociedade. De modo pertinente para o que se percebia ao final da década de 1980, propõe que

[...] a legitimidade do *campo dos media* é de natureza predominantemente vicária ou delegada. A fonte da sua legitimidade resulta de um processo de autonomização de uma parte das funções de mediação dos outros campos sociais, autonomização exigida pelo processo generalizado de disseminação das esferas da experiência no mundo moderno. (RODRIGUES, 1990, p. 155)

Entretanto, na sociedade em midiatização, já não se podem apreender os processos sociais segundo essa inclusão de um campo especial,

através da cessão de mediações pelos outros campos ao campo mediático. Em nossa aproximação do conceito, resistimos à perspectiva de que a midiatização da sociedade seja simplesmente decorrente da “ação dos meios”, seja pela incidência da indústria cultural ou como decorrência direta da inovação tecnológica, ou da ação dos ambientes institucionais/profissionais que, em torno de tais processos, caracterizam o “campo dos media”.

É certamente válido fazer referência a um “campo dos media”, restrito, entretanto como um dos espaços – aquele do delineamento institucional/profissional mais evidente, e para o qual as universidades principalmente oferecem sua formação em Comunicação. Mas esse campo não é “o responsável” pela midiatização da sociedade, senão na medida em que todos os campos sociais igualmente o são, cada um com sua incidência específica. Fausto Neto (2008, p. 92) considera que

já não se trata mais de reconhecer a centralidade dos meios na tarefa de organização de processos interacionais entre os campos sociais, mas de constatar que a constituição e o funcionamento da sociedade – de suas práticas, lógicas e esquemas de codificação – estão atravessados e permeados por pressupostos e lógicas do que se denominaria a ‘cultura da mídia’.

O surgimento de modos diversificados para interagir na sociedade, a intensidade da circulação simbólica, o surgimento de articulações e de fricções onde anteriormente os processos principais podiam ser conduzidos pelas lógicas de campos específicos e por negociação em zonas de fronteira entre campos – tudo isso leva à necessidade de processos experimentais pela sociedade em sua abrangência.

Seja para fazer de outro modo as mesmas coisas, seja para acionar processos antes não viáveis – ou nem sequer pensáveis –, todos os setores da sociedade são instados, pela própria predominância da midiatização “como processo interacional de referência” (BRAGA, 2007), a se articularem através de circuitos pouco habituais. A midiatização geral da socie-

dade torna inevitável a continuidade entre processos mediáticos e outros processos interacionais de sociedade – que se relacionam crescente e diversificadamente com as interações midiaticizadas.

O uso de processos tecnologicamente acionados para a interação já não é mais um “fato da mídia” (campo social) – assim como a cultura escrita não é um fato das editoras, dos autores e das escolas, exclusivamente. Esses dois grandes processos culturais (hoje com fortes interpenetrações) são antes de tudo fatos comunicacionais da sociedade.

Na prática social encontramos, então, sobretudo circuitos. Cada setor ou processo de sociedade participa de circuitos múltiplos. Com a midiaticização crescente, os campos sociais, que antes podiam interagir com outros campos segundo processos marcados por suas próprias lógicas e por negociações mais ou menos específicas de fronteiras, são crescentemente atravessados por circuitos diversos.

Esses circuitos contemporâneos envolvem momentos dialógicos, momentos “especializados”; momentos solitários – o mundo circula em nosso *self* – e momentos tecno-distanciados, difusos. Todos esses momentos se interferem – se apoiam às vezes, certamente se atrapalham. Uma percepção que ocorre, diante de tais processos, a exigir elaboração reflexiva, é que com frequência se caracterizam como “circuitos canhestros”, exatamente porque tentativos.

A cultura comunicacional mediadora passa a ser caracterizada por tais processos fortemente tentativos. O que importa assinalar, em nível distinto das observações genericamente recusadoras ou deslumbradas, é que a passagem do estranhamento à absorção como cultura não se faz apenas por uma “habituação” – mas sim, fortemente, por invenção social. A cultura da midiaticização em implantação se faz por experimentação. É claro que processos inventados socialmente e historicamente tornados vigentes podem resultar valoráveis ou negativos – e geralmente são, de modo tensionado, bons ou maus conforme as circunstâncias – o que significa que devem ser criticados com especificidade.

Os diferentes campos sociais, no seu trabalho de articulação com o todo social, desenvolvem táticas e usos para as tecnologias disponíveis, moldando-as a seus objetivos. Ao experimentarem práticas midiáticas, ao se inscreverem, para seus objetivos interacionais próprios, em circuitos midiáticos, ao darem sentidos específicos ao que recebem e transformam e repõem em circulação – os campos sociais agem sobre os processos, inventam, redirecionam ou participam da estabilização de procedimentos da midiatização. Essa processualidade interacional inevitavelmente repercute sobre o próprio perfil do campo – por exemplo, incidindo sobre o equilíbrio das forças que o desenham em dado momento, abrindo possibilidades para determinadas linhas de ação e fechando outras, exigindo diferentes tipos de ajuste ao contexto. Mas isso também requer invenção social.

Além dessas “ações institucionais” de ajuste do próprio campo ao ambiente midiático, ações “novas” se desenvolvem no contexto, que remetem a desafios antes não acionáveis e para os quais não há respostas prontas. Algumas dessas ações são diretamente “subversivas”, como assinala Victor Folquening (2011) – correspondendo à possibilidade de agentes externos a um campo social (inclusive agentes individuais) de produzir incidências sobre um campo estabelecido a partir de pontos externos a este, uma vez que consigam estimular circuitos ou dispositivos interacionais tentativos que encontrem ressonância no próprio campo ou em suas áreas de entorno. Isso pode ocorrer porque todos os campos sociais, na sociedade em midiatização, parecem estar mais atrelados a necessidades de interação “externa”, mesmo à custa de não poder impor suas próprias lógicas para dizer “suas coisas”.

Paralelamente, determinados agentes com posição interna em um campo social – e utilizando o capital social aí amealhado – passam a interagir com o ambiente externo fora das lógicas estritas mais habituais desse campo, acionando processos e lógicas diferidos e difusos, próprios da midiatização. Mesmo quando tais processos de circulação encontram

uma recusa crítica por parte dos grupos definidores e controladores das “lógicas do campo” (no estado atual do jogo de forças), o capital social anteriormente acumulado por aqueles agentes, complementado pelos capitais da “aceitação externa”, modifica as relações de forças internas.

Por todas estas razões, a capacidade de refração dos campos se encontra inevitavelmente diminuída, em todo caso “deformada” por comparação ao desenho estabelecido. Outra maneira de expressar isso seria considerar que a “esfera de legitimidade” estabelecida pelos diferentes campos sociais se encontra agora constantemente em risco, devendo ser continuamente reconsiderada e reelaborada.

Exemplos podem se multiplicar – basta observar a incidência das aprendizagens não-controladas pelo campo educacional; ou a difusão de falas em modo diferido e difuso com relação a campos que asseguram, habitualmente, um contato controlado entre seus especialistas e o público atendido, como é o caso da medicina e do campo psicológico. Mesmo no espaço profissional estabelecido da comunicação social – os meios institucionalizados –, observamos a incidência de uma sobre-mediatização, quando diferentes pessoas e instituições envolvidas em fatos de atualidade se deslocam da situação de “fonte” – isto é, de fornecedores de uma informação que deve ainda passar pelo crivo interpretativo-seletivo de um jornalista – para uma posição de informadores “diretos”, com base em uma reivindicação de credibilidade por se vincularem diretamente ao acontecimento relatado.

São apenas exemplos – mas parece suficiente para esclarecer nossa proposição. Não estamos sugerindo que os campos sociais se diluirão em favor de uma espécie de “comunicação direta” da sociedade através de redes difusas. Mas afirmamos que as mudanças decorrentes de processos de interação “em mediação” modificam (e modificarão crescentemente) o perfil, os sentidos e os modos de ação dos campos sociais; que outros campos se desenvolvem; e sobretudo que os modos de interação entre os campos sociais e entre cada um destes e a sociedade ao largo continuarão a se modificar.

Pelo menos até que, eventualmente, após um período de forte experimentação social, aos poucos se desenvolva algum tipo de estabilidade de processos, nosso foco de estudos envolve estarmos atentos para esses aspectos “tentativos”. Devemos enfatizar que, embora esse impulso de experimentação estimule certamente a inovação tecnológica, essas tentativas se demarcam sobretudo como buscas de procedimentos interacionais.

É nesse âmbito de processos – de natureza comunicacional – que muitas questões sociais se encontram em jogo. Estudar circuitos é relevante para compreender a sociedade em midiatização – justamente porque não prevalecem aí, simplesmente, as lógicas deste ou daquele meio, nem mesmo as lógicas preferenciais de determinados tipos de meios. Assim, não é interessante contrapor os meios digitais aos meios de massa como se fossem caracterizadores de diferentes mundos. Cada circuito compõe diferentes articulações entre o massivo e o digital, engastando ainda, aí, o presencial e a escrita.

CONCLUSÃO

Do que foi referido acima, decorre que não atribuímos os processos da midiatização a nenhum setor prioritário da sociedade. Aparentemente, por um concurso de circunstâncias históricas, relacionados a necessidades, interesses e reivindicações de diferentes setores sociais, ingresamos em um período de intensificação da interação social, com valorização generalizada e forte autopercepção dos processos relacionados, de seus movimentos, objetivos e estratégias. No momento atual, inferimos um determinado conjunto de características gerais que parece expressar tais processos.

Dentro da visada antes afirmada, de ir além do nível reflexivo e ensaístico para observar alguns ângulos pertinentes para pesquisa empírica, queremos enfatizar que os conceitos e características que referimos não se propõem como “explicações” sobre a sociedade em midiatização. Não considero que tais características sejam “essências” que estejam em ação

na sociedade, dirigindo doravante os processos segundo os quais a sociedade conversa com a sociedade. Além disso, não consideramos aquelas “lógicas” como em si negativas ou positivas: são apenas processos gerais que apresentam ênfase e reiteração suficientes, à observação, para que os consideremos ângulos merecedores de estudo empírico, de inquirição para perceber como – a cada caso e segundo que direcionamentos específicos – se manifestam na sociedade.

No presente artigo, referimos algumas lógicas e processos que se apresentam com frequência, que podem então se destacar como alguns dos modos pelos quais a midiatização se instala. Podem servir, nesse nível, como heurísticas para investigações específicas – através das quais deve-se obter uma percepção mais clara das próprias lógicas, ou sua substituição por outras, mais afinadas com a realidade.

Encontramos uma circulação em fluxo contínuo, relacionada à geração de circuitos complexos – em dois sentidos: pela variedade de ambientes atravessados; e pela diversidade de processos, meios e produtos articuláveis ao circuito. Os circuitos mais marcados pela midiatização da sociedade atravessam os campos sociais estabelecidos, abalando sua capacidade de refração e o desenho de sua esfera de legitimidade. Em tais circuitos, aparece frequentemente um foco no polo receptor, produzindo o que chamamos de “contrafluxo de escuta”.

Um mote frequente na sociedade em midiatização se refere à presença e à relevância de “novas tecnologias” como geradoras ou viabilizadoras de processos e de dispositivos interacionais igualmente inovadores. De nossa parte, relacionamos sempre a tais inovações uma “invenção social” que dá sentido à tecnologia – ao mesmo tempo em que a inovação estimula constantemente essa inventiva social. O que chamamos de “dispositivos interacionais” não corresponde ao aspecto tecnológico (o aparato), mas sim a matrizes sociais que vão sendo tentativamente elaboradas para assegurar interação – e que podem ser acionadas culturalmente. Com esse processo, os dispositivos e os circuitos sociais se

caracterizam por uma necessidade de experimentação que evidencia a comunicação como “tentativa”.

Um dos principais processos de socialização e de formação no ambiente da midiatização passa a ser, diretamente, um trabalho tentativo, de experimentação – quer isso ocorra através de um acesso intensivo aos processos de rede social, quer se refira a uma permeação nos meios ditos de massa, tomados como referência para interações ou como base para processos interacionais derivados.

Não existindo (por definição) critérios prévios para aquilatar essa experimentação, os processos tentativos se assinalam frequentemente como “canhestros” – dependendo do exercício social para ajustes e correções de percurso.

Embora os processos sociais se voltem para maximizar a instantaneidade da circulação, paralelamente vê-se ampliada sua potencialidade para a circulação diferida e difusa, dada a permanência possível dos produtos e das falas em geral; assim, os ritmos da circulação se encontram modulados por articulações diversas possíveis entre as táticas da instantaneidade que procuram abreviar o tempo de acesso e de circulação; e as táticas de acervo, voltadas para a permanência e para a recuperação.

O fato de que os circuitos em desenvolvimento tenham a tendência assinalada, de “atravessar” os campos sociais estabelecidos – mesmo quando o ponto de origem de um circuito é um desses campos, como, por exemplo, o educacional –, leva a uma espécie de “recontextualização”. As referências habituais se encontram deslocadas ou complementadas por referências menos habituais – fazendo com que os próprios circuitos em desenvolvimento elaborem e explicitem os contextos requeridos para atribuição de sentidos aos produtos e falas que circulam.

Tudo isso faz perceber que “midiatização” não se confunde com “ações da indústria cultural”. Esta fornece apenas um subconjunto de processos e de referências e, eventualmente, partes de circuitos – que entretanto são diferentemente acionadas, apropriadas ou redirecionadas por outros

agentes sociais. Mais, então, que por um “foco na mídia”, percebemos hoje a midiatização da sociedade como uma criação e recriação contínua de circuitos, nos quais, articulados com processos de oralidade e processos do mundo da escrita, os processos que exigem ou exercem intermediação tecnológica se tornam particularmente caracterizadores da interação.

Entretanto, tais possibilidades são muito diferentemente acionadas a cada caso, por cada campo social ou setor de campo, ou ainda por participantes sociais reivindicadores de perspectivas diferentes daquelas já estabelecidas. Não são as características gerais da midiatização que “dizem” o social – mas sim os modos pelos quais sejam historicamente acionadas. Mais exatamente, os acionamentos é que vão produzindo aquelas características. Por isso mesmo, as proposições que apresentamos aqui não são tentativas de “explicação” – mas sim ângulos a serem estudados.

Os encaminhamentos dados a tais características, as ponderações diferenciadas entre elas, e mesmo sua confirmação ou não como caracterizadores abrangentes da midiatização dependerão justamente das experiências e processos, de seu sucesso relativo, das validades sociais que venham a ser encontradas e eventualmente prezadas pela sociedade.

Isso corresponde a dizer que, na sociedade em midiatização, não são “os meios”, ou “as tecnologias”, ou “as indústrias culturais” que produzem os processos – mas sim todos os participantes sociais, grupos *ad-hoc*, sujeitos e instituições que acionam tais processos e conforme os acionam.

O estudo da midiatização não corresponde, então, a explicar ocorrências singulares pela indicação das lógicas supostamente inexoráveis que se encontrariam em ação. Corresponde, antes, a estudar minuciosamente aquelas experiências sociais de produção de circuitos e de dispositivos interacionais para, através das percepções aí obtidas, identificar os riscos, os desafios, as potencialidades e os direcionamentos preferenciais; procurando perceber como estão se encaminhando as mediações comunicativas da sociedade e – sempre que relevante – tentando incidir praxiologicamente sobre elas.

Assim, voltando aos dois termos que compõem a temática geral definida pela Compós para 2012, percebemos que, longe de caracterizar uma contraposição ou ruptura entre ambos, a midiaticização se põe hoje como principal mediação de todos os processos sociais. Acredito que isso corrobora e desdobra a afirmação de Jesús Martín-Barbero referida no início do texto, de ter passado de uma proposição sobre “mediações culturais da comunicação”, para uma ênfase nas “mediações comunicativas da cultura”. São os processos da midiaticização que hoje delineiam e caracterizam, crescentemente, as mediações comunicativas da sociedade.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- BRAGA, José Luiz. Midiaticização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, Ana Sílvia; ARAUJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda (Org.). *Imagem, visibilidade e cultura midiática: livro da XV Compós*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- _____. Nem rara, nem ausente – tentativa. *Matrizes*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 65-81, jul./dez. 2010.
- _____. *A sociedade enfrenta sua mídia média: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Editora Paulus, 2006.
- _____. La política de los internautas es producir circuitos. In: CARLÓN, Mario; FAUSTO NETO, Antonio (Org.) *Las políticas de los internautas*. Buenos Aires: Editora La Crujia, 2011.
- CAMPBELL, Donald. Apresentação. In: YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- FAUSTO NETO, Antonio. Fragmentos de uma analítica da midiaticização. *Matrizes*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008.
- _____. A circulação além das bordas. In: FAUSTO NETO, Antonio; VALDETTARO, Sandra (Org.) *Mediatización, Sociedad y Sentido: diálogos entre Brasil y Argentina*. Rosario, Argentina: Departamento de Ciencias de la Comunicación, Universidad Nacional de Rosario, 2010. p. 2-15. Disponível em: <<http://www.fcpolit.unr.edu.ar/wp-content/uploads/Mediatizaci%C3%B3n-sociedad-y-sentido.pdf>>.
- FOLQUENING, Victor. *Contrabando cristão nas fronteiras da mídia*. 2011. Projeto de pesquisa de doutorado – título provisório.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma aventura epistemológica. Entrevistador: Maria Immacolata Vassallo de Lopes. *Matrizes*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 143-162, jul./dez. 2009.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *Estratégias da comunicação*. Lisboa: Presença, 1990.

SÁ, Simone Pereira de; HOLZBACH, Ariane. #u2youtube e a performance mediada por computador. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 19., 2010. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Compós, 2010.

VERÓN, Eliseu. Interfaces. *Sobre la democracia audiovisual evolucionada*. 1998.

Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar?q=Interfaces+sobre+la+democracia+audiovisual+evolucionada&hl=pt-BR&btnG=Pesquisar&lr=>>. Acesso em: 10 set. 2011.